



Fidalgo, J. & Marinho, S. (Org.) (2009) *Actas do Seminário "JORNALISMO: Mudanças na Profissão, Mudanças na Formação"*. Universidade do Minho (Braga): Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS).

Mudanças na Profissão, Mudanças na Formação...

Abel Coentrão¹

Uma imagem para começar.

A profissão está em ritmo *fast-forward*. E a profissão precisa de quem saiba fazer *pause* no momento certo; de quem faça o *rewind* até à notícia perdida na distorção que a velocidade imprime à nossa voz.

Apesar desta imagem, não vou falar de tecnologias, a não ser para dizer que me parece que a *webização* da comunicação, e da informação, por arrasto, acelerou uma tendência que já conhecíamos da televisão e exige, mais do que o domínio do meio e das suas ferramentas, uma capacidade de reflexão sobre as já conhecidas imposições desta mudança: Rapidez, Instantaneidade, Fragmentação. São estes os substantivos e, muitas vezes, a substância, do contínuo online da informação, que assim constituído, pede cada vez mais do jornalista. Agente de mediação, é suposto que, para mediar, o jornalista tenha tempo para meditar; tempo para escolher depois de recolher. Mas se houve um tempo em que o tempo do jornalismo tinha umas horas de *delay* em relação ao acontecimento, hoje há uma compressão desse intervalo com consequências mais perceptíveis do que as frequências perdidas num ficheiro MP3. Muitas vezes,

¹ Jornalista do Público desde 2002. Sub-editor da secção Local Porto.

nesses segundos que separam a frase dita da notícia contada, pouco espaço há para fazer mais do que reproduzir a frase – e queremos nós condenarmo-nos a ser meros pés de microfone?, ou resumi-la a um *newsbyte* sem enquadramento, que pode bem ser o comunicado feito notícia em que as agências de comunicação e os gabinetes ministeriais se tornaram peritos, e que muitas vezes não é mais do que pura propaganda. E o problema, como bem sabemos, nem sequer é muitas vezes a frase. Pior são os arrastões para os quais, no turbilhão da pressa, somos, jornalistas, arrastados. Erro sobre erro, cujos desmentidos ninguém vê, ouve ou lê, atolados que estamos nas parangonas da edição seguinte. Pára, escuta e olha. Nunca como agora este aviso fez tanto sentido nesta profissão que sempre se assemelhou à daquelas pessoas que, de bandeira na mão, nos avisavam da chegada do comboio, antes da automatização total do caminho-de-ferro.

Associemos o problema anterior a uma outra tendência. A do jornalismo close-up, de rosto humano, em que nos pedem tanto que consigamos dar um nome às nossas histórias para, no fundo, aproximá-las de quem vê, ouve ou lê. Agora, experimentem pegar numa câmara fotográfica com uma objectiva zoom. Utilizem o zoom para se aproximarem do objecto. Pelo caminho perderão o enquadramento lateral. Se a lente for boa, na máxima distância focal, perderão o fundo. Mas terão a o sorriso, a lágrima, a boca entreaberta para o grito...audiência garantida, em resumo. Este é, para mim, um dos maiores desafios éticos do jornalismo actual. Um desafio a que poucos (os melhores, diria) conseguem dar boa resposta no dia-a-dia, pelo que vou lendo, vendo e ouvindo por aí. Tão próximos do sujeito, e tão pressionados a rapidamente o “fotografar” – lá está a imagem da instantaneidade, de novo – arriscamo-nos a não distinguir o facto genuíno do facto construído, cedendo, muitas vezes ingénua, à manipulação. Arriscamo-nos também a não conseguir distinguir o facto de interesse público do facto de interesse estritamente privado, alimentando essa nova tendência que torna tudo, praticamente tudo, em coisa passível de ser mostrada, numa pornofilia alimentada em nome do interesse do público. Não tanto daquele que queremos informar, mas daquele cuja atenção queremos simplesmente atrair para o anúncio ao lado da notícia.

Algo mal vista no sexo, a rapidinha banalizou-se nas notícias, que, de aprofundamento da nossa relação com a realidade, passaram a um conjunto de encontros do tipo *one night stand* em que, mesmo cara a cara com o parceiro cujos prazeres experimentamos, podemos ter a certeza que, no final, não o conheceremos lá muito bem. Podemos chamar a isto sensacionalismo. Sexual ou noticioso. Rapidez e aproximação estão, no jornalismo, associados a um terceiro risco: o da descontextualização. O contexto escapa-nos por falta de tempo. Escapamos porque, focados num rosto, não olhamos para o que está à sua volta. E este

empobrecimento, este facilitismo, diria, alimenta não apenas a ignorância como promove, também, visões do mundo distorcidas, como aquelas que se baseiam, por exemplo, no preconceito. Não sei se por andarmos com menos roupa, os verões costumam ser férteis em *one night stands*. E também em notícias com este tipo de abordagem, que facilmente nos levam a pensar que, não bastando a *ciganada traficante de droga*, agora também os emigrantes brasileiros são, tendencialmente, criminosos. Serão? A estatística, essa forma de notícia mais vagarosa, distante, e pouco *sexy*, diz-nos, em ambos os casos, que não. Mas a quem é que isso interessa?

Mudanças na Profissão, Mudanças na Formação...

Falei-vos de Rapidez, Close-Up, Descontextualização. Três mudanças que exigem Capacidade de Reflexão, Sentido ético, Vontade de saber. Uma aposta, portanto, na base tradicional, actualizada, de um bom curso de comunicação, que forma gente capaz de pensar no que ouve, vê ou lê; gente capaz de reflectir nas consequências éticas do seus actos, que é capaz de olhar o mundo para lá do ângulo que a fonte, no seu interesse, nos dá. Isso, para mim, implica um investimento sério num programa teórico sólido, e eu, pelo que vi nesta casa, há década e meia, e pelo que vou conversando com os estagiários que vou conhecendo no PÚBLICO, arriscaria dizer que isso não está no programa de estudos prioritário de quem chega a um curso universitário. O de Ciências da Comunicação ou outro. A ideia enraizada de que as universidades têm de formar para o mercado de trabalho leva-nos a exigir um ensino essencialmente prático e a desdenhar as horas e horas de cadeiras teóricas. Ainda mais agora, que acreditamos que tudo o que precisarmos de saber estará de certeza na internet. Pois bem, eu tenho a dizer-vos que, mesmo que esteja, o mais provável é que, na pressão diária das redacções reduzidas ao mínimo de pessoas e ao máximo de trabalho, não haja tanto tempo assim para o procurar, encontrar, ler, avaliar e digerir. Não é por estar aqui que o digo, mas aproveito o estar aqui para o dizer: Hoje, mais do que há dez anos, quando terminei o curso, percebo no meu dia-a-dia o valor destes links saídos das aulas de sociologia, de história do século XX, das aulas de economia que me impedem de ser hoje um burro a olhar para este quase-colapso do palácio capitalista, da minha bem-amada semiologia, essa que me ajuda a interpretar o muitas vezes opaco discurso político. Este curso não tem que formar jornalistas. Tem de formar estudantes para que estes, entre outras coisas, sejam capazes de se fazerem bons jornalistas. Parece o mesmo mas, acreditem, a diferença é substancial. E é substância o que neste momento faz falta à profissão.